

# EVOLUCIONISMO, LOUCURA E TEMPORALIDADE A PARTIR DA OBRA DE JOSÉ MARÍA RAMOS MEJÍA

Mauro Franco Neto<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste breve estudo buscamos reconstruir como o médico alienista e historiador argentino José María Ramos Mejía (1842-1914) tentou equacionar o pensamento científico e evolucionista então corrente com uma narrativa histórica sobre seu país, retomando recorrentemente a ideia de uma evolução natural aplicada à história. Ao analisar duas de suas obras identificamos que Ramos Mejía apresenta uma instigante apropriação da ciência evolucionista. O resultado da análise operada por Mejía evidencia que, uma vez aplicadas à história, as leis evolucionistas trariam a cena uma compreensão problematizada daquela temporalidade, distante de uma simples linearidade e que previa a convivência de distintas fases da evolução.

**Palavras-Chave:** José María Ramos Mejía; história; ciência evolucionista; temporalidade.

## EVOLUTIONISM, MADNESS AND TEMPORALITY: A STUDY ON JOSÉ MARÍA RAMOS MEJÍA'S WORK

**Abstract:** In this brief paper we seek to build an analysis about how the alienist medical and Argentine historian José María Ramos Mejía (1842-1914) tried to equate the then-current scientific and evolutionist theory with a historical narrative about his country, repeatedly retaking the idea of a natural evolution applied to history. By analyzing two of his works, it was identified that Ramos Mejía presents a compelling appropriation of the evolutionary science. The outcome of the examination carried out by Mejía demonstrates that, once applied to history, evolutionary laws strengthen a problematized understanding of that temporality, apart from a simple linearity which would provided the coexistence of different phases of evolution.

**Keywords:** José María Ramos Mejía; history; evolutionary science; temporality.

---

\* Este trabalho contou com apoio do CNPq e é fruto de dissertação defendida no ano de 2015 no Programa de História Social da Cultura da PUC-Rio.

<sup>1</sup>Graduado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Doutorando em História Social da Cultura pela PUC-Rio. E-mail: franconeto.m@hotmail.com

“De donde proviene Ramos Mejía? De López, no de Mitre” (GONZÁLEZ, 2013: 13). Assim o crítico Horacio González insere José Maria Ramos Mejía<sup>2</sup> na genealogia do debate historiográfico argentino da segunda metade do século XIX. A conhecida polêmica<sup>3</sup> entre Bartolomé Mitre e Vicente Fidel López, a partir da terceira edição da *Historia de Belgrano y de la Independencia Argentina* – escrita pelo ex-presidente – recaía sobre o controle da verdade do passado argentino e é tomada como um primeiro momento em que se esquadrinha sistematicamente uma dita identidade histórica para o país. Mas é em 1878, ao ler a introdução que Vicente Fidel López escreve ao clássico livro de Ramos Mejía, *Las neurosis de los hombres célebres en la historia argentina*, que este debate entra em um novo momento. Neste livro, como relata Fidel López, nos deparamos com uma compreensão singular de ordem temporal. Entrava em cena a tese segundo a qual as leis da evolução natural se sobrepõem às leis divinas, de tal maneira que “la prepotente quietud de la vida absoluta” acontece sem intervenções excepcionais e no ritmo do imperfeito para o mais perfeito:

Aquellos que tienen por objeto hacer creer que Dios tiene sacerdotes en la tierra para acordar favores y beneficios con un ánimo parcial y humano, quedan relegados entre las invenciones puras de la imaginación y de la ignorancia humana; y sirven sólo para hacer las historias de los progresos sociales, que no son en sí mismos sino evoluciones también de la vida, como la de los organismos, para subir la cadena de las conquistas de la Razón, y para pasar de lo imperfecto a lo más perfecto (LOPEZ, 2013: 108).

---

<sup>2</sup>Nascido em Buenos Aires no ano de 1842, Ramos Mejía viveu sua juventude no Uruguai onde a família se exilava do período rosista. No retorno à Argentina se formou em Medicina, fundou o importante *Círculo Médico Argentino* e obteve o grau de doutor na UBA com tese sobre traumatismo cerebral. A partir da década de 1880, ocupou importantes cargos na administração pública argentina, especialmente na área da saúde. Catedrático de “Enfermedades nerviosas y mentales” na Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires, teve como principais obras publicadas *La neurosis de los hombres célebres en la historia* (1878), *La locura en la historia* (1895), *Las multitudes argentinas* (1899), *Rosas y su tiempo* (1907).

<sup>3</sup>“La historia de Belgrano y de la Independencia Argentina” de 1876-77 é, na verdade, apenas a terceira edição de obras já publicadas anteriormente por Bartolomé Mitre. Em 1858 Mitre publica uma primeira versão da biografia de Manuel Belgrano intitulada “Galería de Celebridades Argentinas”, ampliada logo em 1859 sob o nome “Historia de Belgrano”. Ainda aparecerá mesmo uma quarta edição em 1887. A polêmica entre os dois historiadores se inicia em 1881 a partir da publicação “Historia de la Revolución Argentina” por Vicente Fidel Lopez, continuada através de três extensos textos: *Comprobaciones historicas a proposito de la Historia de Belgrano*, *Nuevas comprobaciones historicas a proposito de Historia Argentina de Bartolomé Mitre*, y *la Refutación a las comprobaciones historicas sobre la Historia de Belgrano de Vicente Fidel López*.

Neste breve estudo buscamos reconstruir como o médico alienista e historiador argentino José María Ramos Mejía (1842-1914) tentou equacionar o pensamento científico e evolucionista então corrente com uma narrativa histórica sobre seu país, retomando recorrentemente a ideia de uma evolução natural aplicada à história. Ao analisar duas de suas obras<sup>4</sup>, identificamos que Ramos Mejía apresenta uma instigante apropriação da ciência evolucionista. Através daquele arcabouço científico, ao contrário do que se pode imaginar inicialmente, o médico e historiador vê a história longe de simples reducionismos, à revelia de boa parte de seus contemporâneos no exagero do potencial explicativo da ciência. O resultado da análise operada por Mejía evidencia que, uma vez aplicadas à história, as leis evolucionistas trariam a cena uma compreensão problematizada daquela temporalidade, distante de uma simples linearidade e que previa a convivência de distintas fases da evolução.

A natureza das questões aqui em jogo tornam complicadas as leituras que reduzem o momento da emergência da linguagem evolucionista como aquele da autolegitimação do saber científico, como época da “superação”, da razão forte e da produção de soluções positivas. Particularmente na segunda metade do século XIX, a linguagem do evolucionismo atuará como reconfiguradora de uma dada forma de ordenar o tempo. A partir dela, será possível pensar nova intuição histórico-evolutiva submetida a um movimento de constante aperfeiçoamento. É um engano, porém, acreditar que a sedimentação dessa linguagem aconteça de forma unívoca e sem um amplo número implicações e tensões no seu próprio interior.

O tema da evolução histórica ganha traços bem precisos após obras como as de Darwin e Spencer. Uma história das ideias, tal como se fazia até algumas décadas atrás, pecaria por associar tal concepção à “ideia de progresso”<sup>5</sup>, já presente em momentos anteriores. Por mais que fosse possível localizar várias formas de se referir ao progresso até o século XVIII como “crescimento”, “incremento”, “aumento”, “ir para frente” (ROSSI, 2000: 113), entre outros, só com o evolucionismo será possível pensar um tempo que

<sup>4</sup> (RAMOS MEJÍA, [1878] 2013) e (RAMOS MEJÍA, 1895).

<sup>5</sup>Esse é o principal problema da obra do filósofo italiano Paolo Rossi. Ao se propor a investigar uma grande continuidade da “ideia de progresso”, o autor reúne um grande período entre os séculos XV e XIX, supostamente atravessado pela perenidade dessa ideia. *Ver:* (ROSSI, 2000). Neste sentido, a investigação de Reinhart Koselleck a respeito do conceito de história, é preciosa por ressaltar as sedimentações e nuances em torno do termo “progresso”. A principal interpelação à tese de Rossi seria o caráter circular que compõe radicalmente o conceito de história, no mínimo, até finais do século XVIII (KOSELLECK, 2013).

aponta necessariamente para um melhoramento. Disto não decorre, porém, que a adesão às suas linhas gerais tenha sido plena e nem mesmo que essa experiência do tempo tenha inviabilizado outras formas de assimilação.

A possibilidade do naufrágio e do não atendimento das expectativas do futuro sempre existiu. O nível de complexidade do problema colocado vem à tona se observarmos que, mesmo entre autores que compunham parte importante no repertório de leituras dos letrados argentinos e brasileiros finisseculares, é possível encontrar o temor do abismo: “Hyppolite Taine pensava em 1878 que do camponês, do operário, do burguês da segunda metade do século XIX, tornados pacíficos e gentis por uma antiga civilização, pudesse repentinamente ressurgir o bárbaro” (ROSSI, 2000: 122).

Mais sintomático ainda é quando paladinos da exatidão do pensamento científico (de importante repercussão entre letrados brasileiros e argentinos) e sua capacidade de explicar as anomalias dos insurgentes movimentos de massa – tais como Maudsley, Lombroso, Scipio Sighele, Gabriel Tarde, Gustave Le Bon –, concordavam que o homem isolado fosse ser civil, mas a multidão possuía os piores instintos e era capaz assim de contraproducentes efeitos degenerativos sobre a sociedade. Degeneração esta que, em contraste com a fé na ciência e na civilização, recebeu interesse de todos os tipos de escritores nesse momento, sejam eles psiquiatras, antropólogos, sociólogos, romancistas, historiadores, etc. É um dos primeiros momentos que se pensa o inconsciente, o inconsciente coletivo. O cérebro e a consciência guardam em si não só a razão, mas os traços da primeira vida infantil, os traços dos selvagens animais de um remoto passado.

Se optarmos por observar o evolucionismo como uma resposta específica ao problema da história universal<sup>6</sup> – esta que desde meados do XVIII ganha autoridade para

---

<sup>6</sup>Como leitor de Reinhart Koselleck e sua interpretação da crise instaurada pela aceleração do tempo histórico a partir da segunda metade do setecentos, o filósofo alemão Odo Marquard identifica que a história universal é uma das principais respostas encontradas para dotar de sentido aquele conjunto de transformações sempre mais rápidas e constantes. Esta história, concomitantemente singular e plural por reunir todas as histórias em uma – a única história do progresso e aperfeiçoamento humano –, é descrita por Marquard como tendo que conviver com dois momentos distintos. Inicialmente com uma postura mais agressiva e assumindo a forma de “filosofia da revolução”, sua realização pressupunha a transformação do que antes era esperança, desejo e expectativa em objeto de experiência real. A decepção, porém, com a possibilidade efetiva do malogro da revolução a curto-prazo, levava a um segundo momento, agora caracterizado pela negação da contemporaneidade da boa revolução. Esta se localizava num passado ideal ou num futuro ainda por constituir-se. Uma longa extensão temporal era então a condição de possibilidade para essa segunda forma assumida pela história universal, aquela da moderação das expectativas quanto às rápidas transformações e

tornar inteligível o passado –, veremos que, menos que intensificar essa história singular e acelerada, ele terá efeito moderador e de controle sobre o tempo. Ou seja, há fortes ambivalências e complicações internas ao regime de temporalidade evolucionista que não permite associá-lo, de imediato, como uma simples continuidade de uma temporalidade “aceleracionista”.

De volta à introdução da obra de Mejía, Lopez vai delineando um novo programa de atuação para o historiador argentino, buscando criar uma ruptura com o que fora escrito até então, por vezes identificado como o momento da suplantação de uma historiografia romântica por uma dita historiografia científica. Os estudos dos fenômenos da vida histórica e social ganhariam sentido quando vistos pelo método da observação dos fatos naturais e pela lógica do encadeamento desses fatos com causas físicas (“diríamos más bien fisiológicas”) produzidas em cada organismo. A alegoria organicista que busca associar o trabalho do historiador ao do fisiologista parte do pressuposto de uma grande unidade da vida universal proporcionada pela doutrina da evolução geral e contínua dos organismos. A historiografia na sua forma de “ciência moderna” se emanciparia das então dominantes Teologia e Psicologia<sup>7</sup>, para rastrear leis naturais e contínuas.

A principal implicação de pensar a história (ou mesmo os “estudos sociais” como falava Lopez) pela via científica era modificar aquilo que garantia uma dada “ordem universal” do movimento histórico. Em outras palavras, a linguagem do evolucionismo traz a possibilidade de se pensar uma ordem garantida por leis naturais e são a essas leis que o movimento do tempo está submetido. É sintomático que na segunda metade do século XIX cada autor inicie suas análises com um grande prólogo sobre as condições de possibilidade da história, como no clássico exemplo de Hippolyte Taine e a tríade raça, meio e momento.

O alcance da obra de Ramos Mejía só é, portanto, devidamente compreendido, se relacionado com os seus interlocutores Mitre e Lopez. Ainda que se trate da mesma história argentina (aquela de uma galeria de homens célebres a serem lembrados), Mejía passa a pensar uma variável particular, a loucura, como um modo auxiliar da história, ou melhor,

---

que encontrou um importante potencial explicativo nas diretrizes de uma teoria da evolução (MARQUARD, 2000).

<sup>7</sup>Teologia e Psicologia, ao lado da Cosmologia, eram, respectivamente, as responsáveis pelo estudo das três grandes ideias transcendentais segundo Kant: Deus, Alma e o Mundo. No interior do impulso científico deste fim de século, “emancipar-se” de teologia e psicologia parece ser a ruptura final com variáveis transcendentais, a favor de um universo cada vez mais sujeito a leis empiricamente observáveis.

pensava a história a partir de uma linha de continuidade e unificação. A história era a história das neuropatias da vida estatal (GONZÁLEZ, 2013: 12).

A primeira chave de entendimento para a obra historiográfica de Ramos Mejía, portanto, é aquela da tentativa de marcar uma separação com historiadores que se limitavam a uma narrativa apenas da superfície dos fatos e da história política. Desde o início da obra o autor expõe seu interesse por uma verdadeira “anatomia da alma” dos personagens históricos. A questão que se coloca então para um biólogo ou para um cientista da natureza de forma geral (ou ainda até mesmo para o historiador, como no caso de Ramos Mejía que habita essa zona de confluência), é descobrir e dotar de sentido todo um universo de questões agora em aberto e até então dominados pela teologia e pela metafísica, como o próprio afirma (RAMOS MEJÍA, 2013: 120). A restituição da verdade histórica deveria ser tal como “el misterioso cinematógrafo”, que com a ajuda de um “raio invisível” – uma outra forma de se referir à serena imaginação do historiador – livrava-se da tirania do documento. E com isso multiplicam-se as associações da historiografia com a arqueologia, com a anatomia ou mesmo com a dramaturgia e outras formas de recuperação da “vivacidade” e do “sangue” nas narrativas.

Mesmo vinte anos depois, em artigo<sup>8</sup> publicado na revista *La Biblioteca* do diretor Paul Groussac, Ramos Mejía insistiria numa historiografia sensível e contagiada pela paixão do ofício. Ali, na preparação ao livro *Rosas y su tiempo*, o autor perseverava na relativa facilidade que era historiar a época de Rosas, haja vista sua proximidade com aquele momento presente. Difícil seria investigar épocas remotas como aquela do surgimento do cristianismo ou o distante mundo medieval. A Argentina de Rosas estava ali, viva, com cores fortes. Se meio século de diferença ainda fazia de uma época contemporânea à outra, a paixão (que nas regras de composição características de um positivismo rasteiro seria vetada) poderia ser usada dentro das formas proveitosas do estudo.

O que Ramos Mejía chama de “historiografia convencional” era então aquela incapaz de assumir a nobre faculdade de generalização que permite reconstruir um mundo perdido, contentando-se apenas com a descrição de um “dente fóssil”. Recorre então a uma metáfora orgânica para argumentar que um documento histórico, visto sob outra forma (e

---

<sup>8</sup> Ver: (RAMOS MEJÍA, 1898).

aqui lembramos do seu diálogo crítico direto com a tradição historiográfica argentina), pode dizer outra coisa:

Buckland con simples troncos silicizados de coníferos descubiertos en nuevas *arenas rojas* de los terrenos primitivos, ha demostrado por análogos procedimientos de escrutación, que esos árboles vegetaron en climas desiguales, permitiéndole resucitar las estaciones del año en que los nobles pobladores de las remotas edades se mecieron al soplo de sus auras violentas (RAMOS MEJÍA, 1898: 164).

Para além das páginas de Sarmiento – “cheias de colorido e paixão” – e de Vicente Fidel Lopez, afirma Mejía, a história de Rosas não teve ainda um historiador filósofo, ou um psicólogo anatomista. O que se tem escrito sobre Rosas versa apenas sobre o governante, não chega até o homem, animal superior, que tem na mentalidade e no temperamento moral quase todo o determinismo sensitivo e político de seu governo pessoal. É neste sentido que o estudo dos aspectos pueris de nomes célebres da vida estatal argentina esclareceria sua vida íntima e a motivação das suas ações, algo que para o autor era bem diferente da tarefa memorialista ou do “ropavejero” (que numa tradução livre podemos ler como “antiquário) que não revela a alma discreta e pudicamente oculta. É a miopia de quem não tem o espírito suficiente para insuflar a vida na carne e nos ossos desses mortos ilustres (RAMOS MEJÍA, 1898: 165). O “sentido profundo da história”, aquele sentido que associa mundo natural e humano, estaria, portanto, no “encadenamiento” de fatos, na compreensão daquela sociedade, seus elementos novos e velhos, civilizados e bárbaros, como algo fundamentalmente cambiante, tal qual o mundo natural que evolui.

Assim, sua maior proximidade com Vicente Fidel Lopez, e não com Mitre, se justifica por acreditar que a historiografia, ao contrário da simples concatenação de fatos e da idolatria de nomes ilustres, deveria dialogar intimamente com os estudos sociais no interior de um quadro científico, isto é, assimilando determinadas razões estruturais e contínuas que se sobreporiam a um passado cultivado por suas idiossincrasias. Talvez mais que isso, sua visão da historiografia fosse ainda mais penetrante, conjurando a se livrar da tirania do documento como fonte vital da verdade, e assumindo o papel ativo do historiador numa difícil, mas necessária, tarefa de reunir o critério científico e a vitalidade artística necessária para o deciframento de psicologias vivas. Como veremos, a história linear de

Mitre não bastava mais e se fazia, assim, imprescindível a consideração de um outro elemento, a loucura, como variável científica capaz de iluminar o processo histórico em sua totalidade.

***Las neurosis de los hombres célebres... Tempo e história***

Como sugerido anteriormente, o vocabulário e boa parte das soluções de Ramos Mejía se aproximam, de fato, do arcabouço conceitual evolucionista. Mas se a historiografia se limitou por um bom tempo a enquadrar os letrados do final do século XIX nesse termo, uma implicação de ordem temporal aparece como um elemento complexificador de tal leitura. Neste momento, passamos a destacar as aproximações, distanciamentos e complementos do argumento de Mejía frente ao discurso que associa a história ao modo de atuar das ciências naturais, para ao fim enfatizar suas implicações para a construção de uma dada relação com o tempo e a história.

Retornando à obra de 1878, de fato há várias passagens em que o discurso médico-social associado à historiografia mostra uma face um tanto quanto determinista de Ramos Mejía. O projeto de uma “histologia da história” – centro do seu argumento – que associará os agrupamentos humanos com tecidos orgânicos estudados pela fisiologia ou, em outras palavras, a busca de legitimidade para a historiografia no discurso das ciências naturais, conduzirá a intensos debates nesse fim de século sobre a especificidade do conhecimento do mundo humano e repercutirá na própria formação acadêmica de disciplinas e campos de conhecimento que reivindicam autonomia. Já Ramos Mejía, em algumas passagens, não parecia tão imbuído de dúvidas sobre o poder explicativo de uma histologia da história:

No escapa nada a este método agresivo de análisis, a esta luz penetrante y sutil que se insinua por los más oscuros repliegues del alma humana, que se interroga al cuerpo para explicarse las evoluciones del espíritu y que descende hasta el hombre privado, buscando sus idiosincrasias morales el complemento necesario del hombre público (RAMOS MEJÍA, 2013: 158).

Por vezes um relativo determinismo aparecia em sua obra também no seu estado mais puro, na interpretação da loucura como um caso de degeneração e fraqueza no qual



“ese combate eterno y terrible que da el triunfo al más fuerte y que aniquila para siempre él débil” (RAMOS MEJÍA, 2013: 160), em que a seleção natural atua como uma lei continuada na gênese de certos estados nervosos. As apropriações do psiquiatra inglês Henry Maudsley possibilitam a Mejía explicar certas condições psíquicas através de termos como “loucura moral”, “atavismo psicológico” e outros “efeitos degenerativos” que teriam repercussão não só na vida do homem como na marcha da humanidade.

O temor do contágio leva o autor ao estudo das “multidões” e outras formas de reunião de uma grande massa humana, tema característico dessa geração finissecular e que foi analisado principalmente pela ótica psiquiátrica. Recorrendo aqui ao biologismo<sup>9</sup>, Mejía explicava sua preocupação com a rapidez do contágio nos povos e nas aglomerações humanas: “Parece que los pueblos, como los individuos, pueden, bajo la acción de ciertas causas, sufrir perturbaciones del espíritu, que aunque temporarias, ofuscan la razón y adormecen el sentimiento hasta la oclusión completa” (RAMOS MEJÍA, 2013: 239).

A própria recepção da obra atesta o ajuste entre o autor e seus pares contemporâneos, isto é, os jovens cultores da ciência que, com Sarmiento na mente, admiravam Darwin e Spencer, impulsionando a introdução no país da afeição pelas ciências da natureza (INGENIEROS, 2013: 40). Um leitor atento já identificaria logo no início da primeira parte<sup>10</sup> que, para além de todas as limitações que aos olhos de hoje teriam textos como o de Mejía, há ali uma grande paixão pelo conhecimento e pela descoberta de um mundo que parecia infinito para o saber científico:

---

<sup>9</sup>Cumpra aqui notar a distinção feita pelo historiador francês Claude Blanckaert entre o organicismo e o biologismo, algo fundamental para analisar a preocupação de Ramos Mejía mais ligada ao segundo do que ao primeiro. A distinção está em que o organicismo tinha como objetivo olhar a totalidade dos membros da sociedade, como o já mencionado todo coerente orgânico, e não unicamente uma porção deles, como fizera o biologismo. Em outras palavras, tudo aquilo que se remetia aos problemas relativos à raça, hereditariedade, estigmas de degeneração, desigualdades congênitas, não pertenciam exatamente à sociologia organicista, mas sim a um discurso antropológico, então mais próximo das discussões biológicas. A Antropologia interessava menos um pensar sobre o “social” e mais aquele em relação às possíveis causas individuais ou raciais do problema da degenerescência. De modo sucinto, enquanto a um interessava um olhar holístico sobre os membros da sociedade, ao outro importava uma porção mais bem delimitada. A recusa dos organicistas em reduzir a ordem social a determinações biológicas residia no postulado de que a sociedade precede o indivíduo, ou até mais que isso, que é nesta sociedade que se localizam as transformações históricas (BLANCKAERT, 2004: 75).

<sup>10</sup>A obra se divide em um prefácio do próprio Ramos Mejía, uma introdução de Vicente Fidel Lopez e duas partes, cuja primeira esclarece as elucubrações da psiquiatria moderna, além de um estudo do caso de Juan Manuel Rosas, e a segunda (publicado só quatro anos mais tarde, em 1882) de outros nomes da política argentina oitocentista: da melancolia do Doctor Francia, do delírio alucinatorio do frade Aldao, do histerismo de Monteagudo e do delírio persecutorio do Almirante Brown.

Es que no sólo se ven impulsados por el deseo instintivo de penetrar los secretos íntimos de la organización de los elementos anatómicos, sino que se encuentran dominados por esa atracción inconsciente que arrastra al hombre hacia las regiones inexploradas de lo desconocido, hacia esos lugares misteriosos en que se elaboran en silencio las fuerzas vivas de todas nuestras actividades mentales (...) (RAMOS MEJÍA, 2013: 239).

É um engano, porém, associarmos a crença no progresso científico à formulação apenas de soluções positivas por parte do autor. A complexidade da obra de Mejía vem à tona quando o “tempo” emerge como questão central para explicar como no máximo grau de aperfeiçoamento civilizacional que representava o século XIX, ainda era possível a convivência com fenômenos da ordem do incompreensível, tal como a loucura e a degeneração mental. Refuta-se o tempo linear que caracterizava uma face do darwinismo, para complexificá-lo através da descrição de épocas históricas formadas por uma verdadeira superposição de temporalidades e “mentalidades”. A reflexão de Ramos Mejía entra agora numa nova fase.

O próprio Vicente Fidel Lopez reconhecia na introdução ao livro as nuances da tese de Ramos Mejía. Dizia:

De manera que en esta evolución lentísima de la materia humana organizada e histórica, cada siglo contiene incrustado en su enorme cuerpo un imenso residuo que reproduce, en su capa respectiva, la vida, las creencias, los errores y las preocupaciones de esos siglos anteriores (LOPEZ, 2013: 112).

Em um presente plural, capaz de comportar homens de muitos séculos diversos nos hábitos, nas aptidões e nas crenças, não seria difícil encontrar, relata Lopez, um indivíduo que moralmente está no século V, aquele está no século do paganismo romano e aquele incorporando a série de progressos da civilização, vive sob todas as luzes esclarecedoras do presente.

Neste sentido, a associação entre o vocabulário médico-científico e a história argentina, especialmente a história da independência – que tanta atenção recebeu no século XIX –, leva Ramos Mejía à construção de uma grande síntese sobre a alternância de gerações mentalmente fortes e fracas. É desse modo que a geração da independência, onde repousava toda a glória do passado, sob o ponto de vista físico e moral era formada por

indivíduos maravilhosamente preparados pela e para a civilização, de modo que “la naturaleza los había hecho el presente de este conjunto de hombres providenciales, vigorosos, audaces, favorecidos por la supremacia de um temperamiento nervioso y de una constitución fuerte, atlética e intachable” (RAMOS MEJÍA, 2013: 158). Ao virar seus olhos para a Argentina da época colonial, Mejía é ainda mais enfático: esta não conheceu hospitais, não como sintoma de atraso ou barbárie, mas unicamente porque não necessitou destes. Buenos Aires não lutava naquela época, “como lucha ahora”, pelo ar que falta à cidade.

Isto porque ao chegar ao seu presente para concluir a narrativa médico-histórica o autor identificara que a evolução não garantiria o estado físico e moral que prometia. Ao contrário do constante aperfeiçoamento das espécies onde, como disse o próprio Darwin: “Man is no exception”, Mejía notou que “en nuestros días, la enteritis de los niños de pecho, afección que tan fuertemente repercute sobre el estado general, nos están formando esa generación empobrecida con la tez pálida y el ‘rostro volteriano’, con sus carnes blandas y flácidas, y esa mirada tristísima tan característica” (RAMOS MEJÍA, 2013: 160). Ou seja, o final do seu século representava um ponto fora da rota ideal da marcha da civilização.

Ao seguir o ensinamento de Darwin ao pé da letra, Ramos Mejía conseguia explicar como a geração da independência foi a geração da saúde e do vigor. Esta foi formada pelo regime colonial mesmo, lá onde o combate eterno e terrível deu o triunfo da raça mais forte sobre a mais fraca. Mas como explicar, naquilo que deveria ser o cume do regime evolucionista, que a “seleção” – com seu princípio do melhoramento – que deveria ir agregando progressivamente qualidades físicas e morais, permitisse que em uma dada época alguns indivíduos parecessem a um “tipo o especie anterior más imperfecta”? A isso Mejía atribui a lei do “atavismo” e da convivência de elementos temporalmente distantes.

A esta acepção particular da história, soma-se a tese segundo a qual os caracteres psicológicos e físicos se fixam por meio da “herança”, não somente na família, como também em um povo, dado que são organismos similares. A não linearidade do evolucionismo ditado por Ramos Mejía coloca a “herança” como limite à evolução apenas

transformadora. Ou seja, a evolução conserva.<sup>11</sup> A geração da Revolução de 1810 manteve muitos dos caracteres da geração da Conquista, ao mesmo tempo em que se atrofiaram muitos outros órgãos e valores que deixaram de ser úteis. O tempo e a história aparecem aqui como uma grande superposição de caracteres que ora são transformados e ora conservados, a depender do processo de “seleção”.<sup>12</sup>

Tal tempo cumulativo, formador, mas não linear é a saída encontrada pelo autor para dotar de sentido os graves distúrbios psicológicos que assolavam a sua Buenos Aires. A influência dos grandes acontecimentos políticos na acentuação desses problemas era então exemplar. Se na Comuna de Paris, isso mesmo, na França esclarecida, os transtornos mentais cresciam de acordo com a aproximação do exército inimigo, o que dizer – sentenciava Mejía – do sentimento produzido pela presença das bandas de Facundo Quiroga? Tal como seu modelo Sarmiento, Mejía insistia na radical proximidade dos termos do binômio civilização/barbárie. Nas suas palavras:

Si allí en donde la civilización impera eran aquellas suficientemente eficaces para engendrar tales trastornos, qué no sucedería entre nosotros, en donde una barbarie ingobernable e indigna había, desgraciadamente, asfixiado nuestra sociabilidad embrionaria, atrofiado el sentido moral y dominado por tan potentes por tantos años? (RAMOS MEJÍA, 2013: 172).

A questão maior que torna o texto de Mejía esclarecedor é qual a sua articulação, como ele elabora uma resposta, como tece uma dada relação de temporalidade, para tornar compreensível certos fenômenos que, àquela altura, pareciam não estar de acordo com o grau de evolução em que se encontrava a civilização moderna. Um novo exemplo ainda é o período que, quase unanimemente, é descrito na segunda metade do século XIX como o

---

<sup>11</sup>Duas passagens que sintetizam tal ambivalência seguem aqui: “La influencia preponderante de la herencia en la producción de las perturbaciones mentales es un hecho comprobado por los trabajos estadísticos de los alienistas modernos.” Ao passo que: “En la mayoría de los casos, la transmisión hereditaria no se hace de una manera similar, sino que es esencialmente polimorfa y la regla general es que las afecciones de este género se transformen al transmitir las.” Ver: (RAMOS MEJÍA, 2013: 223-224).

<sup>12</sup>O manejo de conceitos como “herança” e “seleção” traziam naturalmente a cena questionamentos sobre a loucura ser um legado biológico, do qual seria impossível se desatrelar, ou social e, por isso, construído historicamente. Tal irresolução teórica, por mais que contenha consequências políticas opostas e decisivas, permanece no interior da obra de Mejía. Não é possível se afirmar que seja a história ou seja a loucura se sobreponham uma à outra de maneira a ter um papel mais decisivo. Assim, perguntas como, a Comuna de Paris fora gerada por um surto de loucura ou o surto de loucura fora a consequência dos distúrbios daquelas dias da capital francesa?, permanecem insolúveis no interior da obra. Bem como perguntas sobre fatores biológicos terem maior importância que sociais, ou o contrário.

momento em que a Argentina mais teria se distanciado dos valores de um tempo progressista, para se isolar sob o a dominação do caos e da barbárie, isto é, a época de Rosas. As neuropatias do general, seus ataques nervosos, a sua loucura moral, seriam a principal explicação para o que aconteceu sob o seu regime.

Rosas mesmo, em sua formação moral e psicológica, teve que lidar com o estranho e o desordenado. Conviveu com o ódio e a repulsa desde seus primeiros anos, de modo que nada houve em sua vida que marcasse um sentimento elevado ou algum traço de afeição. O terror com que tratava seus opositoristas, intensificando o processo de perturbações mentais nos anos 1840, não possuíam, segundo Mejía, causas aparentes. Nenhuma mudança política, nenhuma batalha perdida; nada muito claro. Tais acessos de loucura e impulsões nasciam espontaneamente do seu cérebro. Mejía expressa então seu desconcerto para dotar de sentido tais comportamentos de Rosas: “Qué odio podía inspirarle una mujer, un niño inocente, un anciano decrepito? Qué cólera podía engendrar en su alma la presencia de su hija, de su noble madre o de sus hermanos?” (RAMOS MEJÍA, 2013: 211).

Conforme evidenciado anteriormente, o regime de temporalidade evolucionista atuará como forma de moderação às sucessivas transformações de um tempo cada vez mais imprevisível, como aquele da experiência oitocentista. A premissa da “evolução por etapas” é mobilizada de modo a racionalizar aquilo que, a princípio, habitava a categoria do “não compreensível”, ou para usar as palavras de Mejía sobre Rosas: “donde la naturaleza humana camina sin el apoyo de la razón” (RAMOS MEJÍA, 2013: 214).

Estabelecem-se etapas justificando que o caminho a ser cumprido está ainda apenas no seu percurso formativo. É esta a resolução de Mejía para o problema das neuroses e outras formas de depressão mental na Argentina do passado e do presente, concluindo: “Si Rosas no ha sufrido la neurosis que le atribuimos, particularmente en aquellos períodos de su vida, la naturaleza humana es incomprendible” (RAMOS MEJÍA, 2013: 219). É a partir dessa dúvida que o autor traduz o “incompreensível” através da categoria “loucura”, e isto não é propriamente um reducionismo da sua parte. Há um tom no texto de Mejía próximo de uma angústia por não elucidar facilmente este algo incompreensível, isto é, o descompasso existente na convivência de civilização e barbárie.

O texto se transforma assim num experimento constante, com seguidas hipóteses sendo provadas. Numa face mais convencional daquele contexto finissecular, Mejía chega a

sugerir que a frenologia possa dotar de sentido as transgressões de Juan Manuel Rosas: “estudiemos el cráneo de Rosas, la configuración exterior de su cabeza, y veremos cómo las pasiones ciegas, los instintos del bruto, están desarrolladas de una manera exuberante” (RAMOS MEJÍA, 2013: 231). Também o alcoolismo surge como via de compreensão para a loucura mental de Rosas e seu tempo. Ao menos seus efeitos degenerativos sobre os agentes da Mazorca, o temido braço armado do regime rosista, eram assim descritos:

Basta decir que en todos los festines federales la Mazorca bebia el vino, no ya en vasos ni en jarrones, sino en tinetas. (...) Indudablemente, una de las causas más poderosas en la patogenia de estas exaltaciones enfermizas en la Mazorca, era este abuso inmoderado de las bebidas espirituosas (RAMOS MEJÍA, 2013: 251-252).

Como dito, todos estes “signos orgánicos de degeneración”, como os chama Mejía, podem ser lidos como um exercício de produção de sentido, de ordenação de algo aparentemente caótico e anacrônico como aquelas perturbações mentais. De maneira definitiva, percebemos que o modo como Mejía conceitua o tempo se aproxima, naturalmente, de outras versões então contemporâneas e fundamentalmente modernas (que foram mais profundamente analisadas por Reinhart Koselleck) que preveem um movimento cumulativo, porém não necessariamente progressivo. Assim, ao considerar a possibilidade da degeneração mental e ao dar exemplos de períodos na história argentina nos quais os personagens históricos foram dotadas de grande vitalidade, Mejía se abre à possibilidade de que o seu presente não seja o ponto culminante e mais evoluído da história. Tal abertura torna possível mesmo que se contemple a superposição de tempos históricos, de modo que momentos que se acreditavam passados poderiam se fazer novamente presentes, compondo um cenário decididamente mais plural que a tradicional perspectiva evolucionista poderia prever.

Para Ramos Mejía a história é o grande correr de uma patologia. Em outras palavras, o paralelo que atravessa toda a obra é entre a história e o estudo de uma herança, de uma influência patológica que vai se perfazendo através de gerações. É possível entrever o passado através de camadas que foram se superpondo e chegam até o presente como uma massa multiforme, onde os vários estágios de uma doença podem ser observados. É como se a história, e mais particularmente a história argentina, fosse o grande desenrolar de um

contágio e coubesse ao historiador o papel de ordenador desse conjunto de eventos que chegam até o seu presente. A patologia passa a ser a via de explicação para o caos e a anarquia que a Argentina vivenciou no século XIX:

En la etiología de la anarquía argentina, el ‘contagio mental’ tiene una parte activísima, y sería curioso investigar cómo este agente de tan extraña naturaleza(...)ha producido todas esas revoluciones sin bandera, todos esos movimientos de propósitos pueriles (RAMOS MEJÍA, 2013: 250).

Se a história aparece como esse grande *continuum*, o que não implica que ela seja linear, afinal, como foi explorado aqui, cada momento mais parece a reunião de vários outros numa forma plural que sempre conserva e transforma conjuntamente, o comportamento de Mejía no que se refere a uma relação com o tempo não é menos interessante. Após toda uma obra dedicada à assimilação de tais anomalias em meio ao que deveria ser o banquete civilizacional, uma leitura atenta de certos momentos do texto revela que a estes desajustados mentais, anacrônicos, Mejía não reserva o açoite, mas o tratamento. É o exemplo de indivíduos com algum tipo de distúrbio psicológico que acabam incidindo num ato criminoso: “algunos de esos desgraciados, a quienes la ley condena a la última pena como asesinos vulgares, no son sino enfermos” (RAMOS MEJÍA, 2013: 188).

Isto porque, para Ramos Mejía, o que lhes faltou foi tempo. Ainda que estes indivíduos formem “una variedad degenerada y mórbida de la especie humana”, o seu problema é que deixaram de incorporar etapas de uma evolução e no presente se tornaram documentos do atavismo.<sup>13</sup> Por isso, afirma o autor: “repetimos con Maudsley, estos seres son incompletos bajo el punto de vista mental y algunas veces físico” (RAMOS MEJÍA, 2013: 199). Dialogando com um importante crítico da obra de Mejía, podemos dizer que a ênfase apenas no seu determinismo sórdido e na unilateralidade do pensamento desse autor,

---

<sup>13</sup>Uma discussão semelhante no contexto brasileiro pode ser avistada no confronto entre Euclides da Cunha e Nina Rodrigues, dado que os dois autores se valeram de modos distintos na relação com a apropriação do arcabouço científico-evolucionista que provinha da Europa. Enquanto Nina Rodrigues classificava a população brasileira estritamente a partir dos critérios providos da Europa, Euclides da Cunha, marcado pela experiência de Canudos, deu uma forma distinta a essa apropriação, deixando amplo espaço para a realidade social e racial brasileira reconfigurar aquele arcabouço. *Ver:* (FRANCO NETO, 2015)

obscurece a sua própria solução ambígua e trágica em torno da loucura do seu próprio tempo (GONZÁLEZ, 2013: 29).

### ***La locura en la historia e os limites da linguagem evolucionista***

É fato conhecido na sua biografia que em 1871, ainda no início do curso de medicina, José María Ramos Mejía promoveu – juntamente com seu irmão e também historiador Francisco Ramos Mejía – uma agitação estudantil por razão do suicídio de um estudante de jurisprudência, injustamente reprovado. O movimento, que contou com o apoio de alguns professores liberais, culminou alguns anos depois numa grande reforma universitária. Não é possível afirmar, e talvez não seja nem mesmo o caso, que é neste momento que nasce o interesse de Mejía por temas como a alienação ou o suicídio. Não obstante, é um traço cortante da sua obra, a partir de então, o questionamento sobre os efeitos de uma forte sobrecarga psicológica no desencadear da loucura, dos delírios de perseguição e de atos extremos como o suicídio.

Ao dar a luz em 1895 à *La locura en la historia – contribución al estudio psicopatológico del fanatismo religioso y sus persecuciones*, dezessete anos após *Las neurosis de los hombres célebres...*, o autor já traz no seu nome uma notoriedade que havia adquirido como escritor e que também o impulsionou na carreira médica e no acesso a altos cargos públicos. Ainda conseguiu de Paul Groussac, então grande mediador da conjuntura letrada argentina, que prefaciasse seu livro, mesmo quando este se dizia radicalmente opositor da escola médico-histórica. Segundo Groussac, ainda que discordasse dos preceitos científicos da obra, ela não deixava, contudo, se possuir méritos eruditos e literários:

Acaso la ambiciosa ‘Filosofía da Historia’ no es toda ella una hipótesis arbitraria y prematura, cuyas conclusiones no resisten a la prueba disolvente de la crítica? Nadie, empero, quisiera borrar de la lista de las grandes producciones humanas las vastas síntesis de Herder y Hegel, los atrevidos bosquejos de Buckle y Quinet (GROUSSAC, 1895: LVII).

A exemplo da sua primeira obra, Mejía se propõe novamente a estabelecer uma grande síntese histórica. Desta vez não apenas do caso argentino, mas também da história



da humanidade. A tese sustentada é a de que a loucura desempenhou um papel capital no processo histórico evolutivo, com especial atenção nos países que passaram por algum governo absoluto, de maneira que ali ficaram à mercê da vontade, do caráter e mesmo dos deslizes de monarcas muitas vezes portadores de alguma alienação, exemplificando com um estudo sobre a dinastia dos Habsburgo na Espanha. Além disso, não menos determinante para o percurso histórico da formação mental dos povos, foram as crenças e paixões coletivas que, despossuídas de razão, construíram um delírio epidêmico, com marcas indelévels sobre um povo: é este o caso da Inquisição espanhola.

Costurada em três partes, a obra principia com uma análise da evolução da loucura na história, tendo como determinante a conduta individual de grandes líderes e outros grupos, chega ao estudo da Inquisição espanhola como caso modelo de uma psicologia do sentimento religioso e se encerra com um estudo sobre a degeneração e a loucura na tradição dos Habsburgo. Um ponto comum de todos esses momentos é a tentativa de dar ao processo histórico algum tipo de submissão à intervenção humana, algum poder de transformação que outras formas de se relacionar com a história anteriormente a tinham negado. Neste sentido, cita dois historiadores, o protestante Lingard e o católico Laurent<sup>14</sup> onde, para o primeiro, a história não seria “más que un poema divino existente de toda eternidad y que no pudo ser interrumpido por las interpolaciones humanas”, ou no caso do segundo na qual a história está entregue a todas as más paixões, oferecendo o império da história ao diabo (RAMOS MEJÍA, 1895: 28).

Ora, afirma Mejía, “ni lo uno, ni lo otro seguramente”. A intervenção do diabo ou de Deus nas misérias humanas seria propriamente, para o autor, fruto de uma inocência antiga ou dos delírios epidêmicos medievais. Este seria ainda um grande combustível para as loucuras de perseguição que caracterizam determinadas épocas de forma tão sombria. Em resumo, as proposições de um Bossuet sobre a história como uma série de milagres ou de Vico – ainda que este último ganhe uma digressão de Mejía por ter chegado a admitir “que los hombres han hecho por si mismos el mundo social” – não escaparia do fatalismo católico. Vico mesmo teria se equivocado ao afirmar que “hay una evolución prevista en la existencia de cada nación que forma un círculo invariable y que incesantemente se

---

<sup>14</sup>John Lingard (1771-1851) e sua *History of England* e François Laurent (1810-1887) em *Études sur l'histoire de l'humanité*.

reproduce”, de modo que existiriam três épocas que inevitavelmente se repetiriam na forma de um eterno retorno, por ele chamado de “ricorsi”: a idade da barbárie, a idade heroica e uma terceira em que aparece a ação do homem e se constitui a sociedade (RAMOS MEJÍA, 1895: 29).

Menos que se ater à exatidão ou não de tal distanciamento produzido por Mejía com essa historiografia por ele chamada de providencialista, mais profícuo é ver que sua tese ganha uma nova nuance quando não é simplesmente o homem que atua na história, mas sim o seu “sistema nervoso”, receptáculo de todas as impressões, fonte de todas as sensações, onde surgem ideias, sentimentos e paixões que governam o mundo. Ao fim e ao cabo, o cerne da sua proposição é que a “la historia cambia” e seu movimento só pode ser apreendido se considerada a variável “loucura” como agente decisivo no percurso da civilização. E essa variável exerceria um papel semelhante à daqueles fatores que predominam nas filosofias da história de Renan, Herder, Montesquieu, Buckle, como a natureza e outros agentes físicos. Todos dariam certa forma particular para a civilização em determinados contextos.<sup>15</sup>

Restituir à história seu movimento ou sua mutabilidade passava por um procedimento equivalente ao de uma sintomatologia, isto é, penetrar detalhadamente em mistérios que à superfície eram inacessíveis. O ponto era restaurar uma face oculta da história onde, à exemplo, o rei Felipe II, “á quien todo un pueblo inteligente y viril llama *grande y prudente*, no era sino un desequilibrado hereditario” (RAMOS MEJÍA, 1895: 3. Itálico do autor). Só assim era possível ver, através de sintomas, aquilo que é patológico e

---

<sup>15</sup>É importante aqui dar espaço ao argumento de Fernando Devoto segundo o qual o regime de apropriação de autores “positivistas” como Buckle e Taine por parte da historiografia argentina e seus principais nomes, Lopez, Mitre e Mejía, seria “decepcionante”. Faziam, assim, “simplesmente para extrair argumentos para suas próprias perspectivas acerca da prática histórica”. Se tal argumento pode se sustentar para os casos de Lopez e Mitre, teríamos que discordar de Devoto em relação a Mejía, dado o que temos visto até aqui da sua radical apropriação crítica da teoria evolucionista, não apenas reproduzindo alguns extratos parciais, mas colocando mesmo em cheque sua validação integral a partir de outros espaços e experiências. Ver: (DEVOTO, 2009: 109-132).

Neste sentido, para o caso brasileiro, uma obra interessante é aquela de Angela Alonso que, ao se defrontar com os modelos explicativos operacionalizados pela dita “geração de 1870”, identificava que a relação dos letrados brasileiros com as referências europeias sempre passava pela funcionalidade e eficácia que tais referências possibilitavam para se interferir no debate público brasileiro. Ou seja, no intento de desestabilizar o status quo da “geração” que os precedia e das estruturas institucionais do Império, aqueles letrados se apropriavam dos modelos alheios somente na medida em que estes se demonstravam aptos para a nova circunstância em que era exigido. Não se aplicava então o caso de uma absolutamente servil recepção de ideias (ALONSO, 2002).

que na aparência é apenas demonstração de força. Contudo, um fator que atenuava a dificuldade de tal tarefa, seria a tênue linha existente entre a loucura e a sanidade. Recorrendo ao psiquiatra francês Jean-Étienne Esquirol (1772-1840), Mejía constata que, ao contrário da óbvia leitura do louco como enfermo que se entrega a atos desordenados, violentos e sem motivos, há uma zona estável onde coordenam suas ideias e pronunciam seus discursos sensatos e de lógica sincera.

Ainda sobre isto, parafraseia Jules Falret (1824-1902)<sup>16</sup> na tentativa de aproximação da atividade cerebral do indivíduo descrito como louco com uma atividade altamente cheia de recursos em muitos casos superiores a de um estado mental da sanidade. Os dados encontrados ainda revelariam que tais indivíduos eram detentores de uma inteligência em ebulição em que “las ideas pululan en su espíritu, su memoria encuéntrase sobreexcitada y recuerdan con persistencia largas tiradas de autores clásicos, que habían aprendido en la infancia” (RAMOS MEJÍA, 1895: 18).<sup>17</sup>

Ao lançar mão da metáfora da história como “escenas del drama”, Mejía busca reconhecer que são estes alienados aqueles que tem a prerrogativa da intervenção direta no rumo da evolução. Mais que isso, menos que uma evolução natural que acontece a despeito do homem, a história traz em si contradições, degenerações e, principalmente, a inevitável possibilidade do abismo. Ao postular que a história sempre muda e não é possível repetir os mesmos crimes do passado, Mejía não pressupõe que a evolução histórica aconteça sempre positivamente no caminho do aperfeiçoamento. Talvez seja propriamente o oposto. A linguagem do evolucionismo encontra na sua obra uma interlocução crítica direta.

Vejamos que no encerramento da segunda parte o autor abre espaço para um debate frontal com as prerrogativas científicas então correntes. Mejía reconhece que, de fato, a ciência a ele contemporânea se pauta na transformação gradual das formas vivas. Isto é, não

---

<sup>16</sup>Psiquiatra francês também apropriado pelo brasileiro Raimundo Nina Rodrigues, como demonstraremos posteriormente, mas de uma forma diversa. Mejía, menos que ressaltar as reflexões de Falret sobre o potencial degenerativo da loucura – como fará Rodrigues –, retoma as reflexões do psiquiatra francês para questionar os limites rígidos entre uma mente fecunda e uma delirante.

<sup>17</sup>Em outra passagem interessante, recorre ao psiquiatra francês Moreau de Tours (1804-1884) com importantes estudos sobre os efeitos das drogas no sistema nervoso, concluindo que substâncias psicoativas poderiam tratar ou replicar doenças mentais de forma a ajudar pacientes na cura. Ainda dialogando com o psiquiatra, Mejía identificava “que las disposiciones del espíritu que hacen que un hombre se distinga de los otros por la originalidad de sus pensamientos y de sus concepciones, por su excentricidad ó la energía de sus facultades intelectuales, tienen su fuente de origen en las mismas condiciones orgánicas que las diversas perturbaciones morales, de las cuales la locura y el idiotismo son la expresión más completa” (RAMOS MEJÍA, 1895: 534).

haveria criação imediata e sem intermediários. Isto aplicado à história traria algumas implicações e a mais clara destas é, ao buscar por compreender a atuação da Inquisição, notar que há ali uma influência direta na seleção da espécie humana. Ou seja, ainda que reconheça o evolucionismo como a base da reflexão, não o incorpora integralmente, deixando lacunas evidentes quando o autor identifica na Inquisição uma ação de “seleção artificial” sobre o processo histórico evolutivo (RAMOS MEJÍA, 1895: 472).

Em palavras mais sucintas, há um claro incômodo de Mejía com uma teoria da evolução que se comportaria tal como aquela criticada história religiosa ao diluir a ação do homem. Negando esta ação a favor de um movimento natural e sem rupturas bruscas, o evolucionismo se esquecia da possibilidade de que essa linha da evolução não fosse absolutamente ascensional e sem interferências externas. A propósito, a história estava repleta de casos em que a lei da evolução natural era desafiada pela oculta atuação de indivíduos ou instituições portadores de uma patologia.

O estudo da Inquisição espanhola na segunda parte da obra é revelador de tal dimensão. A instituição realizou, através da propagação do delírio e do terror, aquilo que Mejía chamou de “seleção artificial” entre indivíduos distinguidos entre aptos e inaptos. Reside neste ponto uma aporia central para compreender o trilho traçado por Mejía: o autor hesita entre a condenação da ação do Santo ofício e a justificativa de que ela fora um bem maior que seria acelerar o trabalho que a seleção natural ora ou outra faria, isto é, a eliminação dos indivíduos mais fracos. Este é o ponto que realça melhor a tensão provocada pela sua obra naquele vocabulário corrente. Nessas aproximações e distanciamentos, ele revela os dilemas constituintes da cristalização dessa linguagem.

Se indagarmos Mejía ainda mais profundamente para averiguar de onde nasce tanto interesse pelo caso da Inquisição, a resposta está no próprio mundo a sua volta. O autor vê no seu presente um grande crescimento da alienação mental, tal como no período histórico por ele estudado. Ou seja, o argumento de que a evolução e a loucura se distanciavam cada vez mais com o aperfeiçoamento da espécie não teria força alguma. Períodos de maior propensão à alienação e períodos de relativa calma podem alternar sem uma linha que aponte diretamente para a evolução: “Hay entre ese paroxismo universal y la locura moderna, un período visible de calma, en que la enajenación mental casi se extingue por

cierto tiempo, para luego comenzar de nuevo en una creciente ascensión que marca el periodo actual” (RAMOS MEJÍA, 1895: 480).

Na sua história da loucura o autor ainda lembrava que houve uma linha ascensional que começa no século XIII. Lá, propriamente onde a Europa está desmantelada e submetida a certas intempéries físicas e patológicas difíceis de serem controladas. Do século XVI até finais do século XVIII a linha cai para ser então retomada no século XIX. Se for, portanto, a loucura a principal variável de determinação histórica, diria Mejía, por certo uma evolução simplesmente linear não era capaz de representar sua perspectiva temporal. Ainda neste sentido, a então recorrente divisão entre povos selvagens e civilizados, tão característica ao discurso evolucionista, ganhava novos contornos no seu argumento. A civilização, mesmo materialmente e espiritualmente mais preparada para refrear a ação dos agentes naturais da seleção, enfrentava uma grande e feroz luta entre as coletividades que a compunham, de modo que “de aquí proviene una selección inestable, que no implica un perfeccionamiento absoluto sino relativo” (RAMOS MEJÍA, 1895: 474)<sup>18</sup>.

A leitura de Mejía do darwinismo, fortemente mediada por dois cientistas franceses, Mathias Duval<sup>19</sup> e M. De Quatrefages<sup>20</sup>, traz uma apropriação particular ao relatar que, tal como se conhece dessa corrente teórica na natureza e seu conjunto, deveria se observar uma complicação crescente e progressiva especialização das suas funções (tal qual um “darwinismo clássico” diria), o que acontece na prática – e aqui a história funciona como argumento de empiricidade – é que “en muchas ocasiones ha podido suceder lo contrario, porque el darwinismo es, menos la doctrina de lo que llamamos el progreso que de la *adaptación*” (RAMOS MEJÍA, 1895: 522. Itálico do autor).

É inviável pensar que o discurso de Mejía seja válido apenas para o mundo natural da medicina. Isso só seria possível se sua preocupação de reconstrução do mundo histórico-social não fosse tão evidente. Os casos citados ao longo da obra só reforçam a tese de que as críticas internas à teoria da evolução são uma forma indireta de Mejía apontar as limitações dessa teoria para análise do processo histórico. *La locura en la historia* recorda um dever de não pensar apenas em um movimento progressivo e aperfeiçoador, mas

<sup>18</sup>A ideia de um aperfeiçoamento relativo nasce da própria tensão entre os conceitos de progresso e decadência aqui destacado através da obra de Reinhart Koselleck a partir da página 19.

<sup>19</sup>Mathias Duval (1844-1907) anatomista francês em seu *Leçons sur le darwinisme*.

<sup>20</sup>Jean Louis Armand de Quatrefages (1810-1892), biólogo francês em seu *Darwin et ses précurseurs français*.

também naquilo que permanece, naquilo que representa outras fases, ou até mesmo na decadência e, usando a metáfora biológica recorrente, no atrofiamento:

La selección natural puede, obrar no sólo desarrollando en ciertos tipos de los órganos y perfeccionando las funciones, sino también atrofiando estos órganos é impidiendo su aparición en tipos parientes próximo de los precedentes, de manera de perfeccionar los unos, mientras que mantiene á los otros en su estado de imperfección primitiva (RAMOS MEJÍA, 1895: 525).

Não se esforçando muito para distinguir entre evolução, progresso e civilização, estes três termos eram indiscriminadamente associados a um crescimento da loucura. Se isso for correto, “resultaria que los pueblos que no tienen la *locura* como una manifestación de la usura nerviosa, como muestra su excesiva vitalidad cerebral, no poseen tampoco el empuje que coloca á la Francia y la Alemania á la cabeza del mundo civilizado” (RAMOS MEJÍA, 1895: 535. Itálico do autor). Curiosamente, loucura é então adjacente ao caminho do progresso. Ao mesmo tempo em que a cúpula da civilização como França e Alemanha detém vários casos dessa enfermidade, “povos incultos” da África e da Ásia apenas recentemente vinham conhecendo tal enfermidade mental. Aqui o concerto das nações desenvolvidas estava simetricamente ao lado do crescimento da loucura (RAMOS MEJÍA, 1895: 536).

Em tempo, irresoluções e hesitações são coisas que não faltam nas duas obras mencionadas e, talvez, sejam importantes sintomas. Se em *Las neurosis de los hombres célebres...* não sabíamos se as revoluções na Argentina surgiam da demência reinante nas vidas individuais ou se entravam em delírio por ação dos tempos revolucionários, do mesmo modo não se sabe em *La locura en la historia* se a loucura é gerada por instituições como a Inquisição ou se esta não é apenas um agente involuntário de uma lei natural (GONZALEZ, 2013: 18).

De todo modo, a tentativa de reconstruir as tensões envolvidas nessas duas obras escritas por José María Ramos Mejía revelou os limites e possibilidades que um dado discurso científico e evolucionista enfrentava para se constituir. Ao contrário de leituras que pintam tal conjuntura exclusivamente pela linguagem médico-histórica otimista com a infinidade de resoluções inerentes ao conhecimento científico, o que Ramos Mejía deixa

latente são as dúvidas e resistências de um autor frente a um tempo incerto e que não negligenciava a possibilidade da queda e da decadência. Talvez Ramos Mejía seja apenas um caso de uma geração de letrados que mereçam ser estudados também pelos seus “não ditos”.

## Referências

ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Império*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BLANCKAERT, Claude. *La nature de la société*. Organicisme et sciences sociales au XIX siècle. Paris: L’Harmattan, 2004.

DEVOTO, Fernando. A história e as ciências sociais na profissionalização da historiografia argentina. Tradução de Antonio Brasil Jr. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 109-132, 2009.

FRANCO NETO, Mauro. Canudos sob o olhar da ciência: Nina Rodrigues e Euclides da Cunha na interpretação da guerra no Sertão. *Revista Escrita da História*. Ano II – vol. 2, n. 3, abr./ago. 2015.

GONZÁLEZ, Horacio. Estudio Preliminar: José María Ramos Mejía: terror, locura, misticismo. In: RAMOS MEJÍA, José María. *Las neurosis de los hombres célebres en la historia argentina*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2013. (Edição cotejada com a de 1915, a segunda).

GROUSSAC, Paul. La degeneración hereditaria. In: RAMOS MEJÍA, José María. **La locura en la historia**. 1° ed. Buenos Aires: Librería Félix Lajouane, 1895.

INGENIEROS, José. La personalidad intelectual de José M. Ramos Mejía. In: RAMOS MEJÍA, *Las neurosis de los hombres célebres en la historia argentina*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2013. (Edição cotejada com a de 1915, a segunda).

KOSELLECK, Reinhart. O conceito de história. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2013.  
LOPEZ, Vicente Fidel. Introducción. In: RAMOS MEJÍA, José María. *Las neurosis de los hombres célebres en la historia argentina*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2013. (Edição cotejada com a de 1915, a segunda).

MARQUARD, Odo. *Apología de lo contingente*. Valencia (Espanha): Ediciones del Institutió Alfons el Magnànim, 2000.

EVOLUCIONISMO, LOUCURA E TEMPORALIDADE A PARTIR  
DA OBRA DE JOSÉ MARÍA RAMOS MEJÍA

RAMOS MEJÍA, José María. *Las neurosis de los hombres célebres en la historia argentina*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2013. (Edição cotejada com a de 1915, a segunda).

RAMOS MEJÍA, José María. Los historiadores de Rozas. *Revista La Biblioteca*, Tomo VII, Buenos Aires: Administración de la Biblioteca. 1898.

RAMOS MEJÍA, José María. *La locura en la historia*. 1º ed. Buenos Aires: Librería Félix Lajouane, 1895.

ROSSI, Paolo. *Naufrágios sem espectador: a idéia de progresso*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

**Recebido em:** 04 de novembro de 2017

**Aceito em:** 26 de março de 2018